

O PRINCÍPIO DA MUSEALIDADE NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM¹; DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O ato de colecionar objetos está intrinsecamente vinculado à formação dos museus no Ocidente. Mas quais seriam os dispositivos sociais e cognitivos que motivam esse ato? Partimos da premissa de que a atribuição de valores e a recolha de objetos são reflexo da percepção da musealidade, que redundam no deslocamento de olhares sobre as coisas que nos cercam (a cultura material), conferindo-os novos estratos de sentido e significado e cujo objetivo final seria a preservação de memórias.

Baseado na ideia apresentada, o presente texto é inspirado no projeto de dissertação que está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, cujo objeto de pesquisa é o Museu Gruppelli. O referido Museu, que é localizado no 7º Distrito de Pelotas, na zona rural da cidade, foi inaugurado no ano de 1998, a partir da iniciativa da comunidade local que buscava preservar as suas referências patrimoniais por intermédio de objetos/indicadores de memórias. O Museu possui, hoje, um acervo com cerca de 2.200 objetos, que são divididos em várias tipologias (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico) e se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante.” (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013, p. 58).

A referida pesquisa tem como objetivo principal identificar e analisar como se efetiva a percepção museal¹ do público que visita as exposições do Museu Gruppelli, bem como seu potencial de evocar memórias e forjar identidades. Por sua vez, como objetivos secundários, buscaremos, ainda, identificar que pontes e conexões que o público cria com os objetos expostos; compreender se o Museu é visto como lugar de memória²; e, por último, entender que função cumpre o Museu para os visitantes, especialmente, os moradores da zona rural.

Ancorados em nossos objetivos, buscaremos esclarecer as seguintes indagações: o público que visita o Museu Grupelli e suas exposições o reconhece como um espaço propício de evocação de memórias e de afirmação identitária? Quais memórias os objetos expostos evocam: individual, partilhada ou ambas? Quais são as conexões/pontes que as pessoas criam ao observarem os objetos

¹ A musealidade é reconhecida por meio da percepção que os diferentes grupos humanos desenvolvem sobre esta relação, de acordo com os valores próprios de seus sistemas simbólicos. Como valor atribuído (ou assignado), a percepção (conceito) de ‘musealidade’ poderá mudar, no tempo e no espaço, ajustando-se aos diferentes sistemas representacionais de cada grupo social. (SCHEINER, 2005, p. 95).

² Conceito trabalhado por PIERRE NORA (1993). Para o autor, os lugares de memória buscam preservar o passado no presente. Busca-se preservar as lembranças outrora de nossas vivências para a sua difusão. Os lugares de memória são mistos, híbridos, mutantes e em metamorfose, enlaçados de tempo e espaço, em memórias individuais e coletivas, do comum e do sagrado, do imóvel e do móvel. São lugares com sentidos, materiais simbólicos e funcionais, nos quais coexistem sempre entre si.

expostos? Por essa via, compreenderemos se o Museu seria, efetivamente, um lugar de memória.

Acreditamos que a pesquisa, ora apresentada, está no cerne das discussões que tangenciam a memória social e o patrimônio cultural, por lançar luz sobre a forma como as pessoas se apropriam, significam e usam o patrimônio, de sorte a afirmar (ou contestar) suas identidades. Do mesmo modo, interessa, igualmente, ao campo dos museus, por buscar compreender como o público que visita o Museu Gruppelli percebe e se relaciona com os bens patrimoniais acautelados no espaço expositivo, tendo como referência o conceito de percepção da musealidade – conceito esse que é reconhecido como um dos principais objetos de estudo da Museologia. Desta feita, intentamos, com esse estudo, igualmente, solidificar e criar novas pontes disciplinares entre as áreas (memória, patrimônio e museu).

Cumpramos ressaltar que a Museologia, enquanto disciplina, flerta com a memória e o patrimônio de forma mais efetiva contemporaneamente. Segundo BRUNO (1996), a Museologia se debruça sobre dois movimentos convergentes: identificar e analisar o comportamento individual e coletivo frente ao seu patrimônio; e desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para o fortalecimento das identidades.

2. METODOLOGIA

Para investigar o que é proposto em nosso objetivo, fizemos uso de métodos qualitativo e quantitativo, utilizando como ferramenta principal desse estudo a entrevista (presencial) e, igualmente, observação do pesquisador.

Os métodos de análise para a realização da pesquisa foram pensados da seguinte forma: Entrevista semiestruturada, por meio de uma conversa de finalidade, elaborada pelo pesquisador, abordando questões com temáticas redigidas e livres. (NETO, 1994). As entrevistas estão sendo aplicadas ao público frequentador do Museu, tanto o morador da zona rural, como da zona urbana, durante a visita.

Para uma melhor análise dos dados que serão obtidos nas entrevistas, estamos fazendo uso de um caderno de campo. Nele anotamos as principais observações, fatos, comentários, questionamentos, dúvidas, principais dados e algumas análises preliminares. Entendemos que o caderno de campo pode ser considerado como importante ferramenta, na qual, “podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas da utilização de outras técnicas”. (NETO, 1994, p. 63).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A referida pesquisa ainda está em andamento, mas alguns dados e análises já podem ser observados. Até o momento, foram aplicadas 40 entrevistas, no período de maio a junho de 2015. As pessoas que visitaram o Museu foram convidadas, pelo pesquisador, de forma aleatória, a participarem da pesquisa, após terem concluído a visita. Já outros entrevistados foram convidados quando o pesquisador percebia o interesse dos visitantes pelos objetos expostos.

Com relação ao lugar de residência dos entrevistados, 3 disseram que moram na zona rural, seguido de 22 que já moraram, mas, atualmente, estão localizados na cidade, contra 15 pessoas que residem na zona urbana. De modo geral, para rever os objetos ou evocar memórias. Ou seja, é interessante notar

que as coleções, percebidas pelos entrevistados, evocam memórias não apenas daqueles que partilham dos modos de vida rural, mas, também, por aqueles que não tem proximidade afetiva.

Ao serem indagados se a carroça significava ou representava algo para si, 32 dos entrevistados disseram que sim, seguidos de 8 pessoas que disseram não. Entre os principais significados atribuídos ao objeto estão o fato de serem visto como representante da sua infância, um objeto de passeio, trabalho e de transporte de pessoas, mercadorias e alimentos.

Ao serem perguntados se o objeto lhes trazia alguma lembrança ao ser observado, 31 pessoas disseram que sim, seguidas de 9 entrevistados que disseram não. Entre as principais memórias evocadas pelo público entrevistado está o fato de terem usado a carroça como um instrumento de trabalho, lazer e transporte. Um dos entrevistados comentou que não usou a carroça, mas lembra de haver visto pessoas que a utilizavam como instrumento de trabalho.

Num segundo momento, o público entrevistado foi indagado sobre o segundo objeto da pesquisa; a foice. Foram-lhes perguntadas as duas perguntas anteriores, feitas sobre a carroça. 32 pessoas disseram que a foice lhes representa ou significa algo, seguidas de 8 entrevistados que disseram que não. Entre os principais significados levantados pelo público, estão o fato de terem relacionado a foice a um objeto de trabalho, de corte de pasto, soja, trigo e macega.

Já, ao serem perguntadas se esse objeto lhes trazia alguma lembrança ao ser observado, 31 pessoas disseram que sim, seguidas de 9 não. Entre as principais memórias evocadas pelos entrevistados está o fato de terem utilizado a foice quando eram criança, ou quando adulto, para o corte de pasto, soja, trigo com a finalidade de alimentar os animais que tinham em casa. Com base nos dados acima, verificamos que os objetos (carroça e foice) funcionam como semióforos segundo POMIAN (1997), na medida em que conectam o visível ao invisível – criando conexões com pessoas, tempos e lugares distantes do olhar, que se presentificam simbolicamente.

Podemos também afirmar que os objetos, ao serem observados, são responsáveis por contribuir para a consolidação de lembranças e para a afirmação das identidades do sujeito. Fato é que a memória está, indissolúvelmente, ligada à identidade das pessoas, conforme salienta CANDAU (2011). Para o autor, a memória é responsável por fortalecer o sentimento de identidade, tanto ao nível individual, quanto coletivo, entretanto, a própria demanda identitária pode vir a reativá-la.

É importante destacar que as narrativas, por demais das vezes, conectam os objetos selecionados (foice e carroça) a outros que estão dentro ou fora do Museu, na forma de uma rede de relações simbólicas.

Podemos afirmar que os objetos estão inseridos aos quadros sociais da memória, ideia essa, trabalhada pelo autor HALLBWACHS (1976) quando afirma que a memória social modula a nossa memória individual. “A representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada as mesmas coisas. (HALBWACHS, 1990, p. 61).

O autor trabalha o conceito de quadro sociais da memória, que seriam as influências externas, sociais que sofremos, como a linguagem, família, religião, tempo e espaço, na qual estamos inseridos, que contribuem para a fixação de lembranças em nossa memória. Segundo o autor, o espaço exerce uma dos mais importantes etapas de fixação das lembranças, porque o homem não consegue

reconstruir suas memórias se não estiverem vinculados a determinado ambiente. (HALBWACHS, 1976).

4. CONCLUSÕES

Podemos observar, até o momento, que os objetos são responsáveis por ajudarem os entrevistados, a partir de suas percepções, a evocarem suas memórias individuais e/ou coletivas, tanto pelo contato direto, ou indireto, que tiveram com os mesmos.

Ao mesmo tempo, podemos afirmar que os objetos devem ser percebidos muito além de sua materialidade, mas como importante ferramenta, a partir das percepções dos entrevistados, na criação de ponte e conexões entre tempos, espaços, mundos e pessoas próximas e distintas e na própria afirmação de suas memórias e identidades, consolidando, assim, o “fato museal”³. Papel, também, que vem sendo desempenhado pelo Museu pesquisado, ao ser entendido, visto e compreendido pelos entrevistados não apenas como um lugar de objetos antigos, ou um espaço de lazer e conhecimento, mas, como um lugar de memória e identidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, M..C.O. “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.” In: **As várias faces do Patrimônio, por LEPA**. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.

BOTTALLO, Marilúcia. Os Museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. Rev. **Do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 5: 283-287, 1995.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, M. L. M.; GASTAUD, C; RIBEIRO, D. L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN; **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. DESLANDES, S. F, NETO, O. C, GOMES, R. MINAYO, C de S. (organização). Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

³ GUARNIERI (2010) diz que o objeto da Museologia pode ser entendido como o “fato Museal” ou “fato museológico”, na qual seria a relação profunda entre homem, objeto e museu.